

IGREJAS E HISTÓRIA: UM MODELO PARA INTERPRETAR A DIFERENÇA ENTRE O CATOLICISMO ROMANO E O PROTESTANTISMO

*Paul Wells**

RESUMO

Este artigo¹ aborda o conceito de tradição, a maneira pela qual um grupo religioso apresenta, no desenvolvimento da história, a relação entre o mundo espiritual e o mundo histórico, material. A tradição situa o grupo em relação às suas origens, transmite crenças e, quando se trata de outro mundo, evoca o céu e dá esperança. No cristianismo existem duas maneiras de considerar e representar a relação entre o mundo espiritual e o mundo material. O catolicismo romano representa essa relação como comparável à que existe entre *um ato* e a *intenção* por trás do ato. O protestantismo considera tal relação comparável à que existe entre *uma palavra* e *seu sentido*. Para abordar o tema Igreja e história, o autor propõe fazer uma comparação entre essas duas posições em três áreas: a Igreja e os sacramentos, a Escritura e a tradição, o Espírito Santo e a vida cristã. Ao concluir, explica por que a posição protestante, expressa pela Reforma, representa o cristianismo autêntico, e como essa posição está ameaçada no presente

PALAVRAS-CHAVE

Catolicismo; Protestantismo; História; Igreja; Tradição; Escritura.

* Professor de teologia sistemática na Faculdade Livre de Teologia Reformada de Aix-en-Provence, no sul da França, atual Faculdade de Teologia João Calvino.

¹ O artigo foi publicado originalmente em *La Revue Reformée*, nº 221, 2003/1. Tradução: Paulo Sérgio Athayde Ribeiro.



INTRODUÇÃO

As comunidades religiosas têm por função apresentar uma mensagem que ofereça a seus fiéis acesso ao mundo invisível. Elas manifestam no mundo temporal o que é divino. Elas existem para falar do mundo invisível e espiritual e torná-lo presente na realidade material física. Igrejas de todos os tipos procuram ser a ponte entre o terreno e o que está além.

Se o mundo invisível é permanente, o mundo terrestre evolui e se modifica progressivamente. Tudo parece estar em constante movimento. O mundo tem uma história. E, nessa história, as igrejas que apresentam a mensagem do mundo invisível assumem feições distintas e encontram formas diferentes de apresentar essa mensagem. A relação entre os mundos espiritual e material é sempre o palco de desenvolvimentos destinados a exprimir como o homem pode alcançar o outro mundo.

Esses desenvolvimentos constituem o que podemos chamar de “tradição”: o que foi recebido e transmitido à geração seguinte e por ela de novo apropriado, através de novas formulações ou adaptações. Uma tradição viva cresce no curso da história. Suas justificações tornam-se mais completas, as explicações da sua verdade e suas práticas tornam-se mais profundas. Cada agrupamento humano – família, igreja, nação ou clube esportivo – tem suas tradições e ritos. É inevitável, porque uma comunidade sem tradição está destinada a desaparecer.

Às vezes alguns católicos romanos pensam que os protestantes não têm tradições e que as recusam totalmente. É verdade que alguns protestantes deram essa impressão quando disseram: “Nós não temos tradições, somos contra toda tradição, nós precisamos somente da Bíblia”. No entanto, no Novo Testamento vemos que precisamos guardar a tradição apostólica como “o bom depósito”, e pretender não ter tradições torna-se uma atitude tradicional! Tal ponto de vista resulta em sectarismos.

A tradição de um grupo religioso é, então, sua maneira de apresentar, progressivamente, no desenvolvimento da história, a relação entre o mundo espiritual e o mundo histórico, material. Assim, a tradição situa o grupo em relação às suas origens, transmite crenças e, quando se trata de outro mundo, evoca o céu e dá uma esperança. No cristianismo – se deixarmos de lado a Igreja Ortodoxa, que, quanto à tradição, tem uma visão muito próxima do catolicismo romano – existem duas maneiras de considerar e de representar a relação entre o mundo espiritual e o mundo material.

O catolicismo romano representa a relação entre o material e o espiritual como sendo comparável à relação que existe entre *um ato* e a *intenção* por trás do ato. Como um beijo ganha significado do amor que exprime, o mundo material e tudo o que acontece ganham significado daquilo que representam e fazem conhecer, ou seja, de uma realidade espiritual que os



supera. Assim, para o catolicismo, a história e os desenvolvimentos históricos das representações do espiritual são muito importantes. A religião católica acentuou, como é o caso em Newman por exemplo, a importância dos desenvolvimentos registrados a partir das origens. A verdadeira realidade se encontra nos desenvolvimentos; o original não é a melhor representação da coisa; ela se torna mais explícita nos desenvolvimentos. Esta concepção acentua a importância da continuidade da tradição, a marcha em direção a uma expressão mais perfeita do espiritual e a importância da Igreja em velar por esses desenvolvimentos históricos.

O protestantismo, que representa uma ruptura no processo de desenvolvimento da Igreja no século XVI, considera a relação entre o material e o espiritual comparável à relação que há entre *uma palavra e seu sentido*. A palavra é o meio pelo qual um sentido é apreendido, o qual ultrapassa o seu caráter simbólico. A realidade do beijo é maior do que a palavra, e a palavra remete ao que a transcende. Assim, para o protestantismo, o importante está nas origens. A mensagem se reporta a qualquer coisa que é maior do que a palavra e que se exprime nessa palavra. É por essa razão que o protestantismo é um retorno às fontes, ao sentido original, e acentua a centralidade da Palavra de Deus, Jesus Cristo e as palavras apostólicas inspiradas, que fazem com que o conheçamos. É aqui que a relação entre o mundo material e o mundo espiritual é estabelecida.

Propomos fazer uma comparação entre essas duas posições, para aproximar a questão ao nosso tema sobre Igreja e história, e isso em três áreas:

- A Igreja e os sacramentos.
- A Escritura e a tradição.
- O Espírito Santo e a vida cristã.

Ao concluirmos, diremos por que a posição protestante, expressa pela Reforma, representa para nós o cristianismo autêntico, e como essa posição atualmente está ameaçada.

1. A IGREJA E OS SACRAMENTOS

Na Idade Média foi desenvolvida a ideia de que o papel da Igreja era o de suplementar a ausência de Cristo. Por meio dela, Cristo se comunica com o mundo. Ela constitui uma extensão histórica, sob forma diferente, da encarnação de Cristo. A própria Igreja torna-se um instrumento da revelação e, mesmo que não tenha acesso ao texto sagrado, o homem pode conhecer a Deus através dela. Essa opinião sobre o papel histórico da Igreja Romana, corrente na época da Reforma e rejeitada pelos reformadores, permaneceu intocada.



1.1 A sacramentalidade da Igreja

Assim, atualmente, um teólogo como Edward Schillebeeckx,² em seu livro *Cristo, o Sacramento do Encontro com Deus*, pode chamar Cristo de “o sacramento primordial” e a Igreja de “o sacramento do Cristo ressuscitado”. Como também, nos textos do Vaticano II, a Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja (§7), mostra uma noção muito materialista do corpo de Cristo: “Nesse Corpo, a vida do Cristo é infundida nos crentes, que são unidos ao Cristo sofredor e glorificado”.

O irmão Daniel Bourgeois comenta: “Na perspectiva católica, essa sacramentalidade não se limita ao sistema de sinais que acompanham os atos fundadores da aliança entre Deus e os homens... o sistema de sinais que acompanha o povo de Deus não é um sistema fechado...”³ A Igreja e sua vida constituem “um sistema de significação vivo, que se move, rico de dinamismo e de uma capacidade inesgotável em perceber a verdade dos atos da aliança”. Assim, há uma reatualização constante na história da Igreja e de seus membros, e isso é fundamental. O grande exemplo dessa operação é a missa como representação não sangrenta do sacrifício da cruz. No *ex opere operato* se efetua, pelo próprio ato, o que nele é representado. Assim, por atos históricos no mundo material, o mundo espiritual se faz presente de maneira real e eficaz.

A Igreja como sacramento da redenção é o meio pelo qual a união entre Cristo e o homem se efetua. Ela é também o elo entre o eterno e o temporal, em todos os atos que realiza ao longo da história. Neste sentido, os integristas do Monsenhor Lefebvre⁴ não estão errados ao defender a missa em latim. O rito age independentemente da compreensão que dele se tenha, conforme a intenção do ato.

1.2 A história da Igreja e o reino de Deus

Lumen Gentium afirma que a Igreja, “provida de dons de seu fundador... recebe a missão de anunciar o reino de Cristo e de Deus e de instaurá-lo em todas as nações, formando o germe que dá início a esse reino sobre a terra” (§5). Apesar do caráter discreto dessa formulação em relação a outras afirmações, podemos notar sempre a ideia de que a Igreja, que faz a ligação entre este mundo e o mundo espiritual, é o meio pelo qual o mundo futuro penetra no mundo material e estende progressivamente sua influência. Esta ideia, que tem sua origem em Agostinho, propõe que o reino de Cristo sobre a terra já

² NR: O teólogo belga Edward Schillebeeckx nasceu em 1914 e faleceu em 2009.

³ BOURGEOIS, Daniel. “Ensaio de análise teológica do *integrismo católico*”. *La Revue Reformée*, n. 174 (1992), p. 41.

⁴ NR: Marcel Lefebvre (1905-1991), arcebispo francês e rigoroso defensor do movimento tradicionalista católico, destacou-se por sua resistência a algumas decisões do Concílio Vaticano II.



está presente e se manifesta na Igreja. Antes da época moderna, a missão do papa era organizar o reino de Deus sobre a terra e estender sua influência sobre toda a vida. O agente dessa presença era o clero. Essa ideia, secularizada, resultou no marxismo, no qual o partido reina sobre toda a vida, através de seus membros. Essa atitude dominante explica, em parte, por que as nações católicas ou ortodoxas foram os bastiões do marxismo-leninismo.

A Igreja tem, portanto, a missão histórica de manifestar a obra redentora de Deus e de adaptar a realidade deste mundo ao outro mundo, da mesma maneira como o materialismo dialético anunciou a futura nova humanidade. Aqui encontramos a mesma estrutura responsável pela sacramentalidade da Igreja.

1.3 A Igreja como testemunha da Palavra de Deus

No protestantismo temos uma configuração totalmente diferente, a qual representa a relação entre a palavra e seu sentido. Há aqui uma concepção diferente da relação entre o tempo e a eternidade. Da mesma maneira que uma palavra é diferente da realidade que evoca, e é autônoma em relação a ela, há, para o protestantismo, uma distinção radical entre o tempo e a eternidade. Esta distinção não é ultrapassada pela Igreja que continuaria a encarnação, mas unicamente por Cristo que desce do céu. Cristo é a Palavra de Deus que traz a revelação aos homens. “Nestes últimos dias, Deus nos falou pelo Filho, pelo qual também fez o universo” (Hb 1). Essa revelação, que foi concluída nas palavras apostólicas, é a última palavra de Deus aos homens.

Não mais estamos no período da encarnação e sofrimento de Cristo, mas no da sua ressurreição e reino celeste. A Igreja não dá continuidade à encarnação, porque esta foi encerrada pela ressurreição. Considerar a Igreja como continuação da encarnação é não respeitar o relógio da história da revelação, retardando-o a uma hora que já passou. É por esta razão também que os protestantes, com razão, rejeitaram a utilização do crucifixo.

O protestantismo propõe um retorno às origens pela fidelidade à Palavra de Deus. A Igreja está onde a Palavra de Deus é fielmente pregada. Para Calvino, a sucessão apostólica não reside nas coisas e nos homens, mas na doutrina. Calvino recusou crer que a Igreja tenha poderes espirituais particulares transmitidos por seus “oficiais”. A Igreja se submete à Escritura e recebe sua autoridade dela. Ela é canonizada pela Escritura e não o contrário. Assim, a autoridade da Igreja tem sua origem na Palavra de Deus e por ela é limitada. Nenhuma nova doutrina é permitida e não se admite nenhuma doutrina estranha às Escrituras. A verdadeira Igreja é espiritual e celeste. Ela inclui os eleitos, os filhos de Deus por ele conhecidos, e ela se manifesta e se congrega onde a Palavra é pregada. Assim, a Palavra, que reúne os filhos de Deus, dá o verdadeiro sentido ao povo comprado pelo Cordeiro, que foi imolado antes da fundação do mundo.



É por isso que, para o protestantismo, os dois sacramentos são “palavras visíveis” que acompanham e explicam a palavra pregada. A eficácia do sacramento não está propriamente no ato, mas na compreensão que dele temos na união com Cristo, pela instrumentalidade do Espírito Santo. A palavra visível, o símbolo, remete a seu sentido fundamental: a purificação pela morte de Cristo, a comunhão presente com o mesmo Cristo e a expectativa de seu retorno. Portanto, os sacramentos protestantes requerem inteligência espiritual.

Além disso, para o protestantismo, o reino de Deus se faz presente, não pela Igreja, mas pela prática da Palavra. O reino tem um caráter global, mas que se distingue da influência da Igreja sobre a sociedade e de seus “oficiais” sobre os leigos. Cada cristão é um sacerdote da nova aliança e sua missão é servir a Deus em todos os aspectos da vida. Ele obedece a Deus na família e no mundo do comércio, tanto quanto na Igreja.

A perspectiva também é diferente. Não se trata do reino futuro que se manifestará no mundo, da eternidade no tempo. O reino futuro é “o novo céu e a nova terra onde habitará a justiça”. Esse reino é anunciado desde o momento em que a Palavra, vivida pelo cristão, livra a antiga criação da servidão do pecado. Este é o sentido da célebre palavra de Lutero: “Se eu soubesse que Cristo voltaria amanhã, hoje eu plantaria uma árvore”. Plantar uma árvore não tem nenhum reflexo sobre a vinda do reino futuro, mas o anuncia na criação atual.

Para o protestante, a vinda do reino não tem nada a ver com o “sobrenatural” que invade e metamorfoseia a natureza, mas com a justiça que suplanta o pecado. É a graça da justificação, anunciada na Palavra, e para nós completada em Cristo, que realiza essa libertação.

Nessa perspectiva, o protestantismo tem interpretado a história muito concretamente pelo esquema: criação, queda e redenção. Toda a vida, religiosa, social, política, familiar e pessoal é criada por Deus, submissa ao pecado, mas resgatada pela Palavra de Deus. A Igreja tem a função de pôr em evidência esta situação pela Palavra que anuncia.

2. A ESCRITURA E A TRADIÇÃO

É bastante compreensível que o catolicismo romano, com sua ênfase sobre o papel central da Igreja como ponte na história entre este mundo e o mundo futuro, tenha concebido a ideia do desenvolvimento do dogma. A continuidade é assegurada pela autoridade da instituição histórica da Igreja. A principal justificação do desenvolvimento da tradição ao lado da Escritura reside na convicção de que a Igreja é a continuação da encarnação sob a direção do Espírito. Assim, a Igreja regulamenta a fé de seus membros pela Escritura, mas também pela tradição que também é a verdade. A Igreja interpreta, aumenta e completa a Bíblia por suas tradições.



2.1 A autoridade da tradição

Dessa maneira, a Igreja desenvolveu ensinamentos que ultrapassam o que é ensinado na Bíblia. Antes de 1500, a tradição, que o padre Gabriel Moran chama “constitutiva” em seu livro *Escritura e Tradição*, tornou-se autônoma por direito próprio. Essas tradições são os ensinamentos recebidos pela Igreja e são normativos para a fé. Entre eles podemos destacar o purgatório, a transubstanciação, as doutrinas marianas, o primado papal, a oração aos santos etc.

Quanto à origem dessas tradições reconhecidas pela Igreja como possuindo autoridade, diferentes proposições foram formuladas: o papa, porque ele representa Cristo para a Igreja, os concílios da Igreja ou a tradição oral veiculada após a época apostólica. Quanto às duas questões fundamentais – a da relação entre a Bíblia e a tradição e a de identificar qual das duas tem a primazia – a posição de Roma não variou muito através dos séculos. O padre Yves Congar afirmou que a posição romana reconhece a insuficiência das Escrituras. O padre Georges Tavard, em seu livro *Santa Escritura ou Santa Igreja*, diz o seguinte: “A Escritura e a Igreja se completam mutuamente. A Escritura conserva o primado ontológico e a Igreja o primado histórico, porque é somente ao recebê-la que os homens tomam consciência da Palavra”.

Assim, historicamente, a Escritura e a tradição vêm da Igreja. A Igreja transmite a Escritura de uma geração a outra com um conhecimento mais profundo sobre o seu sentido. A tradição é essencialmente a interpretação da Escritura, à qual se acrescentam os ensinamentos que ultrapassam as afirmações claras do texto sagrado. O Concílio de Trento respondeu aos reformadores ao afirmar a autoridade da Escritura e da tradição. Congar comenta: “Ao afirmar o valor normativo das tradições apostólicas não contidas nas Escrituras, o Concílio fez da tradição um princípio formal paralelo às Escrituras, senão autônomo em relação a elas”.

Não entraremos aqui na discussão recente sobre a interpretação dos textos de Trento. Basta dizer que, de fato, muitos protestantes adotaram, em princípio, a noção da insuficiência da Escritura, como mostram as discussões da Conferência de Fé e Constituição, em Montreal, sobre “A tradição e as tradições”. Um consenso atual entre católicos modernistas e protestantes liberais afirmaria a seguinte posição: “A Escritura é o primeiro elo da tradição cristã. Como toda tradição humana, ela é falível e insuficiente. A Escritura e as tradições são ambas suscetíveis de errar”. Podemos chamar esta posição de *traditio sola*.

2.2 A posição dos reformadores

Os reformadores não começaram seu conflito com a Igreja Romana por causa da tradição. Foi quando Eck disse a Lutero que sua doutrina da justificação estava de acordo com o Novo Testamento, mas não de acordo com a tradição da Igreja, que o problema da autoridade da tradição surgiu. Em 1518,



em Leipzig, Eck obrigou Lutero a admitir que nem os Pais, nem o direito canônico, mas somente as Escrituras têm autoridade última sobre a Igreja.

Acusaram os reformadores de não terem antecedentes históricos: de romper com tudo o que o Espírito havia feito ao conduzir o povo de Deus. Contra o argumento segundo o qual a Igreja Romana tinha o apoio dos Pais dos cinco primeiros séculos, Calvino respondeu que sua autoridade não provinha de sua antiguidade, nem de seu reconhecimento pela Igreja, mas que derivava das Escrituras. Calvino honrou Agostinho ao citá-lo perto de três mil vezes na sua *Instituição Cristã*, mas igualmente o criticou por suas ideias quanto ao celibato, ao purgatório, à autoridade eclesiástica e sua interpretação alegórica da Escritura. Para Calvino, os Pais da Igreja podem ser reconhecidos enquanto permanecerem fiéis à Escritura, e sua autoridade está sempre subordinada a esta. Calvino se sentiu completamente à vontade ao recusar as tradições romanas não bíblicas – suas cerimônias, doutrinas, sacramentos e ministérios – por duas razões. Primeiramente, os Pais da Igreja constantemente afirmaram que a Igreja deve se submeter somente à Palavra escrita, mas a Igreja romana foi sempre atraída para o lado contrário. Em segundo lugar, os Pais cometeram erros e, nessa área, a Igreja os seguiu contra o ensinamento Bíblico. Como Lutero, Calvino tomou como princípio de autoridade para a vida da Igreja tão somente a Escritura.

2.3 O princípio de *Sola Scriptura* contra “Escritura e tradição”

A ruptura entre os protestantes e Roma diz respeito a esta questão fundamental: quem tem a autoridade final em matéria de fé e prática? A posição de Calvino sobre isso se resume nos seguintes pontos:

- Quando lemos a Escritura, ouvimos a própria voz de Deus. Nada de origem humana se mistura a isso. Sem a inspiração do Espírito Santo, Isafas ou Jeremias teriam dito palavras impuras e tolas. Mas quando o Espírito começou a usá-los como instrumentos, seus lábios se tornaram puros e santos.
- Uma vez que Deus fala na Escritura e em nenhum outro lugar, não há outra fonte de onde possa vir sua Palavra.
- Em razão de sua origem única, as Escrituras têm a autoridade e a suficiência da Palavra de Deus. Elas contêm tudo o que Deus quer falar aos homens.
- Elas têm a autoridade suprema sobre a vida do cristão.
- Ao estudarmos a natureza ou a história podemos aumentar nossos conhecimentos sobre Deus unicamente porque, primeiramente, somos iluminados pela Palavra bíblica.



Foi assim que a doutrina protestante clássica formulou a finalidade das Escrituras. “Depois de Deus mesmo ter falado, diz Calvino, ele não deixou mais nada a ser dito por outros”. A Palavra é o vínculo entre o tempo e a eternidade, porque, por ela, nós ouvimos Deus falar em nossa linguagem humana. Aqui vemos que a concepção protestante implica num vínculo através da Palavra, que veicula o sentido da realidade. Essa perspectiva é crítica em relação à noção segundo a qual os atos e as tradições da Igreja representam a intenção divina na salvação.

Por esta razão também, Calvino rejeita o sistema católico no qual as aparências exteriores são uma usurpação da autoridade de Cristo, resultando numa Igreja falsa. Consequentemente, longe de ser um pecado, separar-se de Roma é uma ocasião para reencontrar, pela Palavra, a verdadeira Igreja em suas origens.

3. O ESPÍRITO SANTO E A VIDA CRISTÃ

Para o catolicismo romano, a história representa uma sucessão de atos que realizam a intenção divina. Este mundo está em relação orgânica com o mundo futuro. Deus usa as realidades externas como instrumentos eficazes. É por essa razão que o esquema natureza e graça é capital no pensamento católico, em particular a partir da Idade Média. A graça é o ato divino que vem completar a natureza e prepará-la para a sua transfiguração final.

3.1 Encarnação e vida cristã no catolicismo romano

Nesse sentido, a encarnação de Jesus Cristo apresenta uma forma nova de humanidade que realiza a intenção da criação. A vinda de Jesus Cristo torna a humanidade completa. A Igreja, como continuação da encarnação, é uma nova humanidade, sob a direção especial do Espírito Santo. Isto constitui a principal justificação para o desenvolvimento do dogma e da prática da Igreja no decorrer da história.

As consequências são importantes para a vida cristã. Na Igreja Romana, a pessoa realiza progressivamente sua nova humanidade num processo em que o homem se prepara para o outro mundo, ao receber a graça sobrenatural através dos sacramentos. Fora da Igreja não há salvação, e a graça é recebida pela não resistência do indivíduo. Este processo de aperfeiçoamento continua mesmo além-túmulo, no purgatório.

3.2 O Espírito Santo e a vida cristã no protestantismo

No protestantismo, com seu modelo palavra/sentido, a encarnação é a revelação da Palavra de Deus. Longe de completar a humanidade, esta revelação de Deus em carne é necessária porque a natureza está caída e o homem é incapaz de agradar a Deus. Deus se revela em Cristo, que, em particular, se



revela na cruz como Salvador, abolindo o pecado por seu sacrifício. Por essa razão, o protestantismo destaca o “uma vez por todas” da epístola aos Hebreus.

Ao rejeitar a hierarquia romana, Lutero e Calvino demoliram a noção de uma Igreja sacramental. Como a graça é recebida? O Espírito Santo fala ao crente de maneira direta pela Palavra de Deus. O Evangelho diz que somos pecadores, mas justificados pela justiça da cruz – “Cristo em nosso lugar” – quando nele cremos. Assim, o Espírito de Deus efetua o novo nascimento do indivíduo, que se torna unido a Cristo pela fé e é feito nova criação. É pela Palavra e pelo Espírito que ele é convertido.

O padre Tavard afirma que o calvinismo é uma pneumatologia. Ele destacou um ponto importante. Para Calvino, a Igreja deve abandonar sua própria sabedoria e se colocar sob a direção do Espírito pelas Escrituras. Os dois andam sempre juntos. O Espírito, como Autor das Escrituras, é seu único intérprete, e não o magistério da Igreja. Ele ilumina o entendimento do cristão que recebe a oferta de salvação e o faz reconhecer a verdade da Palavra de Deus. O Espírito não se dissocia jamais da Palavra bíblica e não a contradiz, porque é a sua Palavra.

O Espírito age sobre a Igreja. Pela Palavra ele vivifica os crentes e assim acrescenta ao corpo de Cristo aqueles que creem. É neste sentido, afirma Calvino, que devemos compreender a expressão “fora da Igreja não há salvação”. Por sua Palavra, o Espírito reina também sobre a Igreja e a conduz. Para que uma Igreja seja autêntica, é preciso que ela viva da vida do Espírito, que vem somente pela Palavra. Assim, a Palavra e a Igreja são unidas pelo poder do Espírito. A Igreja resulta, então, da obra da Palavra e do Espírito. Ela vem deles e é subalterna a eles. A Palavra e o Espírito são divinos; a Igreja visível é humana.

CONCLUSÃO

Por que sou protestante? Porque creio que o pensamento protestante é o que está mais próximo da revelação bíblica, em particular em seu ponto central. Jesus Cristo é a Palavra-revelação de Deus para a nossa salvação, sob uma forma limitada e rebaixada: a carne humana. A encarnação representa o rebaixamento de Deus, que se revela como servo, até à morte de cruz. Deus, o Filho, sofreu a consequência do nosso pecado. Limitação, obediência e serviço são as palavras de ordem na Igreja, submissa à Palavra de Deus. A Igreja é posta não sob o signo da dominação divina e da glória, mas sob a cruz. Para compreender a relação do nosso mundo com o outro, Deus nos chama a considerar o sacrifício, o abandono mesmo, de sua Palavra encarnada. Este é o centro da história e seu sentido. Nós estamos nos extremos de uma sucessão de atos divinos que realizam progressivamente o propósito de Deus.

Entretanto, um perigo existe. Hoje, a crise provocada pela crítica racionalista à Escritura minou a fé na Bíblia como Palavra de Deus. A Escritura é



considerada como insuficiente, porque é reconhecida apenas como um testemunho humano sobre uma revelação que a ultrapassa. Quando isso acontece, a Bíblia é submetida ao julgamento de uma autoridade superior: a razão, os sentimentos, as tradições históricas ou o imediatismo de um encontro com Deus. Então, a Bíblia não é mais a autoridade final para a Igreja ou para o cristão; ela é somente um dos fatos constitutivos da vida cristã.

A questão fundamental, destacada pelos reformadores, permanece sempre: “É bíblico? Sim ou não?” Tudo o que exigir uma resposta negativa deve ser descartado de nossa vida. Dizer e repetir, essa é a vocação histórica da Igreja.⁵

ABSTRACT

This article deals with the concept of tradition, the manner in which a religious group presents, in the course of history, the relationship between the spiritual and the historical, material world. Tradition positions a group in regard to its origins, transmits beliefs, and, as far as another world is concerned, evokes heaven and brings hope. In Christianity, there are two ways of considering and representing the relationship between the spiritual and the material worlds. Roman catholicism represents such relationship as comparable to one between *an act* and the *intention* behind it. Protestantism considers this relationship as comparable to one between *a word* and *its meaning*. In order to approach the theme Church and history, the author proposes to make a comparison of these two positions in three areas: Church and sacraments, Scripture and tradition, and the Holy Spirit and Christian life. In conclusion, he explains why the Protestant position, expressed by the Reformation, represents authentic Christianity, and how such position is under threat in the present time.

KEYWORDS

Catholicism; Protestantism; History; Church; Tradition; Scripture.

⁵ Além dos autores católicos romanos a que fiz referência aproveitei a análise de dois protestantes hoje esquecidos: HEIM, Karl. *Das Wesen des Evangelischen Christentums* (1929), título em inglês *Spirit and Truth* (Lutterworth, 1935), e QUICK, Oliver C. *Catholic and Protestant Elements in Christianity* (Longmans, Green, 1924).